

**A LÍNGUA LATINA: SUA ORIGEM, VARIEDADES
E DESDOBRAMENTOS**

Maria Cristina Martins (UFRGS)

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar uma síntese da história da língua latina, o que inclui discorrer sobre suas variedades e seus desdobramentos.

Palavras-chave: História da língua latina, latim clássico, latim vulgar.

INTRODUÇÃO

Muitos podem questionar se ainda há lugar para um texto sobre a história da língua latina, visto que, aparentemente, tudo já foi dito. Acreditamos que sim, pois, infelizmente, é comum encontramos afirmações equivocadas a respeito das variedades da língua latina – seus diversos *sermones* – em autores atuais, sobretudo em livros de iniciação ao estudo de latim.

O latim, língua dos romanos, do pensamento de Roma e de sua brilhante civilização, pertence à família das línguas indo-européias. O indo-europeu representa uma vasta família de grupos de línguas faladas no oeste da Ásia (Irã, Paquistão, Índia, Ceilão) e na Europa toda (e Américas depois das grandes navegações) com exceção do basco, húngaro e finlandês. Ainda é muito incerto o período em que seria falada essa língua, que segundo os autores, pode ser de entre 5000 a 2000 a.C. O período mais aceito é o 3º milênio a.C.

A língua latina é descendente do grupo itálico do indo-europeu. Antes disso, conforme nos ensina Meillet, em *Les dialectes indo-européens* (Paris, 1922: 38), havia uma unidade anterior, o ítalo-céltico, porque há particularidades comuns às línguas itálicas (latim, osco, umbro etc.) e às línguas célticas (bretão, irlandês, galês, etc.), em contraposição com as demais línguas indo-européias. Mas, sem sombra de dúvida, o grupo das línguas itálicas (ou itálico comum) apresenta ligações mais estreitas entre si do que qualquer outro grupo indo-europeu, tais como o germânico, o grego, o balcânico-eslavo e o indo-iraniano.

Não existem documentos em indo-europeu, pois esta é uma língua proveniente de reconstituição, feita através do método histórico-comparativo (século XIX). Este método foi inaugurado por Franz Bopp, no estudo das línguas indo-europeias, ao comparar o sistema de conjugação do sânscrito, latim, grego, persa e germânico.

A LÍNGUA LATINA E SUA RELAÇÃO
COM A HISTÓRIA SOCIAL, POLÍTICA ETC.,
EM TERMOS GERAIS

Quando se fala em língua latina, de um modo amplo, sem especificação de um período determinado, deparamo-nos com a imprecisão do termo. O latim foi, por um longo período, a língua oficial e representante do poder de Roma. Na tentativa de resolver as ambigüidades que concernem o termo latim, a língua latina foi dividida em períodos, os quais se ligam, de certo modo, à história política de Roma. Nesse sentido, são muito expressivas as palavras de Meillet (1933: 121-2), que afirma que durante seis a oito séculos de Império Romano, do século III a.C. ao século II d.C., ou até mesmo ao século V d.C., a língua latina conservou uma aparente fixidez, mas que não correspondia à sua situação lingüística real. A imobilidade aparente da forma visível, escondia uma mudança radical que existia na estrutura interna da língua, resultado da evolução do latim que continuava prosseguindo. Assim que se deu a ruína do Império Romano e de sua civilização, os resultados dessa mudança se manifestaram rapidamente.

Na fase das origens, período que se costuma situar entre os séculos VI e IV, crê-se que o latim era relativamente uniforme, sendo foco irradiador dessa unidade o *sermo urbanus* de Roma. Nesse período o latim era arcaico, uma língua de camponeses, com forte influência do indo-europeu.

Um dos principais fatores de divulgação (extensão ou implantação) do latim no vasto Império Romano foi o exército. O soldado romano ensinava a sua língua e a sua pronúncia, mas ao mesmo tempo aprendia a prosódia e a língua de seus companheiros. Formava-se assim um latim um pouco mestiçado, pois se casava com os dialetos afins e por isto mesmo apresentava arcaísmos condenados em Roma.

Quando os romanos começaram a se projetar, o latim era um mosaico de raças. O latim é na verdade a língua dos dominadores da região. Por volta do ano 500 a.C., Roma conseguiu expulsar os etruscos, originários do norte de Roma, que tinham estendido seus domínios a Roma e a Cápua, no sul. A posição estratégica da cidade e a capacidade dos romanos de fazer alianças, fizeram com que vencessem os etruscos ao norte e os samnitas, ao sul. Sucederam-se várias guerras na expansão de Roma, desde 500 a.C. a 117 d.C. Nesta data, o Império Romano atingiu sua extensão máxima, com 301 províncias. Destacam-se por ordem cronológica algumas datas importantes:

Em 494 a.C. uma tropa armada de plebeus – que falava o *sermo plebeius* - ocupou o monte Aventino, reivindicando igualdade de direitos, principalmente a de ocuparem cargos públicos: trata-se da 1ª greve de que se tem notícia. Somente em 287 os plebeus conseguem ocupar todas as magistraturas.

Em 272, todo o território da Itália faz parte da confederação romana e praticamente todos os povos se submetem ao direito romano, pagando impostos e obrigando-se ao serviço militar.

As guerras contra Cartago, potência naval no séc. III a.C., ocorreram depois de subjugados os povos da Itália. Como consequência da 1ª guerra púnica (269-241 a.C.), anexaram-se a Sicília, em 241, a Sardenha e a Córsega, em 238. Depois da 2ª guerra púnica (218-201), vencida por Cipião, o africano (antes também por Aníbal), os romanos passaram a chamar o Mediterrâneo de *Mare Nostrum*. Com a 3ª guerra púnica (149-146), os romanos destruíram Cartago e apoderaram-se do norte da África, que se tornou província romana. Expandindo-se em várias frentes, Roma incorpora a Hispânia em 197, o Illyricum em 167, a Grécia (Achaia), em 146, a Ásia Menor em 129, a Gália Narbonensis, em 120. A Gália Cisalpina, conquistada em 191, tornou-se província em 81, junto com a região dos Vênetos, submetidos em 215. A Gália Transalpina foi a grande conquista de César em 51-50. Outras conquistas: Egito (30 a.C.); Récia e Nórico (15 a.C.); Panônia (10 d.C.) Capadócia (17 d.C.), Britânia (43 d.C.), Dácia (107 d.C.), com o Imperador Trajano, que fez as últimas conquistas, entre 114 e 117 d.C., incorporando a Arábia do Norte, a Assíria, a Armênia e a Mesopotâmia. Essas datas indi-

cam o início da latinização, que não teve a mesma profundidade em todas as províncias. No Oriente a latinização foi bastante superficial; a Hispânia e a Sardenha exigiram dois séculos para uma romanização efetiva; outros territórios como o *Agri Decumates* e a Britânia nunca foram romanizados, mas há marcas do latim por toda a parte.

Fala-se, portanto, em fases da língua latina, que vão desde as suas primeiras manifestações, ou seja, desde a fundação de Roma (753 a.C.), representada por algumas inscrições, até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) ou, mais ou menos, até a invasão dos longobardos na Itália (568 d.C.).

LATIM ARCAICO

A mais antiga inscrição latina, data de aproximadamente 600 a.C., e é, na verdade, um latim dialetal, o prenestino: “MANIOS MED FHEFHAKED NVMASIOI” = “Manius me fecit Numerio” “Manios me fez para Numério”.

Trata-se de uma inscrição em uma fivela de ouro, encontrada em Preneste (hoje em dia Palestrina), por isso o nome “fíbula prenestina”.

As características dialetais e arcaicas que estão presentes nessa frase são: a conservação do ditongo *oi*, observada em *numasioi*, um dativo (depois, o *i* final cai, e a desinência de dativo passa a *o*), a conservação do *s* intervocálico, que no latim muitas vezes sofre rotacismo (como no caso de *flos*, *floris*; *honos*, *honoris*), e a reduplicação do pretérito perfeito *fhefhaked*, além da desinência secundária em *d*. No latim arcaico era *feced*, forma atestada em uma inscrição, chamada de “vaso de Duenos”. Depois esta forma evoluiu para *fecit*. *Fhefhaked*, como se disse, é uma forma dialetal do pretérito perfeito com redobramento. É interessante notar ainda, nesta inscrição, a posição medial do verbo, que contrasta com a posição mais normal de ser encontrada no latim clássico, que é no fim da frase. Uma parte notável das tendências do latim vulgar, além de já estarem presentes no latim arcaico, resultam da estrutura do indo-europeu e se verificam em quase todas as línguas européias. São exemplos comprovados pela epigrafia latina que o *ē* e *ō* eram pronunciados como *e* fechado e *o* fechado, respectivamente, pois o *ō* longo aparece frequen-

temente representado por *u* e o *ē* longo por *i*. O umbro apresenta apócope do *-m* final e o osco-umbro apresenta a partícula de reforço dos demonstrativos *-ce*, idêntica ao latim.¹

Havia, pois, na origem, “falares latinos”, sendo o latim de Roma um deles. Além do prenestino, outro importante é o falisco, falado em Falérios (*Falerii*). Estes dois dialetos apresentam características mais arcaicas ainda do que se aponta para o chamado latim arcaico². Como documentação do latim arcaico, há pouquíssimos textos, apenas alguns outros escritos epigráficos, como os epitáfios dos Cipiões, do V^o ou IV^o séc. a.C.

LATIM CLÁSSICO OU LITERÁRIO E LATIM CULTO FALADO

A língua latina, tal como a conhecemos, polida e burilada pelos grandes escritores do período “áureo”, não saiu assim do indo-europeu. O latim que chamamos de “clássico” ou “literário” é fruto de prolongado amadurecimento e elaboração, e representa o momento de seu maior esplendor. Este momento foi precedido de vários estágios perfeitamente demarcados, e a ele se seguiriam outros estágios subsequentes, que iriam culminar na formação das línguas românicas modernas.

Com o advento da literatura latina, a partir do século III a.C, o latim escrito vai paulatinamente ganhando maior rigor formal até atingir o máximo de sua estética, na época de Cícero e César³. Nesse

¹ Para mais exemplos ver Faria, *Fonética Histórica do Latim*, p.11.

² Para mais informações ver Väänänen (1981) e Emout (1916) *Recueil de textes latins archaïques*, Paris.

³ Os únicos prosadores verdadeiramente clássicos são Cícero e César, embora haja diferenças entre a prosa dos discursos de Cícero e aquela das obras filosóficas e dos tratados de retórica, excluindo-se as cartas, que apresentam alguns aspectos da língua familiar, mas não que haja um fosso profundo que as separe. Todavia, é recorrente na literatura a afirmação que, em seus últimos discursos, Cícero parece ter “aperfeiçoado” ainda mais seu estilo. Considerando-se todo o chamado “Período Clássico”, poder-se-ia introduzir aí Salústio e Tito Lívio, assim como Cornélio Népos. Mas os próprios latinistas, quando incluem estes três últimos escritores dentro do “Período Clássico” salientam que há diferenças de sintaxe no período entre Cícero e Tito Lívio, e que Salústio, Tito Lívio e Népos são menos severos na escolha das construções que a

"aperfeiçoamento" é evidente a influência helênica, que se faz através dos gramáticos e dos escritores. Iniciava-se, assim, o fenômeno que iria conter a expansão natural da língua falada, pela ação dos gramáticos, da literatura e da classe culta.

LATIM CLÁSSICO

“Latim clássico” é a norma literária, altamente estilizada, que compreende o período que vai de 81 a. C. a 14 d.C. Seus principais representantes são Cícero, César e Salústio, na prosa e, no verso, Virgílio, Horácio, Ovídio, Lucrécio e Catulo. É uma estilização do *sermo urbanus* ou *usualis*, língua coloquial das classes cultas, com o qual convivia.

Os escritores do período clássico haviam percebido que existiam variantes da língua latina e caracterizaram-nas adjetivando a palavra *sermo* que significa "linguagem", "conversaçoão". Com efeito, há três fatores envolvidos nas variantes que uma língua pode apresentar: a variação social, correspondente à estratificação social, a geográfica, correspondente às diferenças geográficas, e as diferenças relativas ao grau de formalidade da situação de fala.

A língua literária continuou no *sermo ecclesiasticus* (a partir do séc. 5 d.C.) e também no *sermo profanus*, com os tratados de medicina, filosofia, ciência, etc., durante toda a Idade Média e até mesmo já na Idade Moderna. Pode-se dizer que até hoje vive. É a língua do Vaticano e de toda a documentação da Igreja Católica, além de ser empregada na botânica e de ser adstrato permanente das línguas românicas e até de línguas não-românicas, como o inglês. Como vemos, o *sermo classicus* fixou-se como uma língua escrita (o latim clássico que estudamos), porém, o latim culto falado, (*sermo urbanus*) a partir do qual obteve sua origem, extinguiu-se, com a ruína da classe social que o sustentava, como veremos a seguir.

língua de seu tempo permitia. Tito Lívio e Salústio são vistos como escritores de uma prosa cuja sintaxe é mais ou menos poética, característica esta que ainda vai aumentar em Tácito. Para mais informações sobre este assunto, ver Riemann (1927:1-12).

LATIM CULTO FALADO

O *sermo urbanus* era a língua falada pelas classes altas de Roma, certamente correto do ponto de vista gramatical, mas sem os refinamentos estilísticos da norma literária, como os longos períodos de subordinação e de termos disjuntos. Como língua falada desapareceu entre os séculos V e VI, no mais tardar no séc. VI, devido ao aniquilamento das cidades e da vida cultural que elas apresentavam, juntamente, é claro, com a classe social que a mantinha. Este período coincide com a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C., séc.V) e a onda de invasões bárbaras (destacando-se os longobardos na Itália, em 568 d.C), na Europa, no séc. VI.

Do ponto de vista gramatical, o *sermo urbanus* é uma língua correta e não apresenta os “erros” do latim vulgar; mas tampouco apresenta o exagero de refinamentos estilísticos da prosa e poesia artísticas. Cícero, ele mesmo, nos fala da diferença de formalidade no emprego do latim em uma carta que escreveu ao seu amigo Paetus (*Ad Fam.*,IX,21): *Quid tibi ego in epistulis uideor? Nonne plebeio sermone agere tecum ... Epistolas uero cotidianis verbis texere soleamus.* “Que pareço eu a ti nas cartas? Não pareço tratar contigo na língua do povo... de fato, costumamos tecer as cartas com as palavras do dia a dia”.

Desde as primeiras manifestações da língua latina, tem-se notícia da coexistência de uma variedade culta falada e de outra variedade também falada, mas pelas classes populares (plebéias). Mais tarde, enquanto a língua literária depurava os elementos alheios ao dialeto de Roma, a língua corrente exprimia o contato de outros dialetos itálicos. A fala rústica e vulgar era um instrumento através do qual se entendiam romanos, faliscos, prenestinos, oscos e umbros.

A língua da sociedade elegante (o *sermo quotidianus* ou *sermo urbanus* ou *usualis* ou *consuetudinarius*, o uso comum da classe culta) e a das classes baixas (*sermo plebeius*) não constituíam compartimentos estanques. A literatura sobre o assunto⁴ é unânime em afirmar que muitas características da língua popular apareciam no

⁴ Väänänen, *Introduction au latin vulgaire*; Lausberg, *Introdução à Linguística Românica*; Bourciez (1963), Maurer Jr. (1959, 1962), Ernout-Thomas (1953), Meillet (1933), Marouzeau (1949).

uso corrente das classes mais altas. Não é apenas Cícero que se refere à diferença no grau de formalidade entre os seus discursos e tratados filosóficos, e suas cartas, Quintiliano, um século depois de Cícero, reflete sobre a diferença que há entre a norma do latim (*grammatice loqui*) e o uso real deste na comunicação (*latine loqui*). Seguindo os passos de Cícero, Quintiliano diz que o bom latim é o da cidade de Roma (*urbanitas*) e não a língua do campo (*rusticitas*)⁵.

LATIM VULGAR

“Latim vulgar” era o latim essencialmente falado pela grande massa popular menos favorecida e quase que inteiramente analfabeta do Império Romano. Foi propositalmente ignorada pelos gramáticos e escritores romanos pois era considerada indigna de consideração. Distingua-se do latim culto falado (e por extensão do latim clássico ou literário) em todos os aspectos gramaticais. Era mais simples em todos os níveis, mais expressivo, mais concreto e mais permeável a elementos estrangeiros. Continuou se transformando ao longo dos séculos até que em mais ou menos 600 d.C. já constituía os primeiros “romances” (ou seja, as primeiras manifestações das línguas românicas, muito próximas ainda do latim vulgar) e depois, a partir do séc. IX, as línguas românicas.

Sabe-se que as características gerais básicas do latim vulgar já se apresentavam desde o fim da época republicana ou desde o começo do período imperial, isto é, desde o século I a.C. ou no máximo desde o século I d.C. Mas é muito comum datarem-se dos séculos III ou IV da era cristã numerosas inovações atestadas pelo conjunto das línguas românicas.

O latim vulgar é, na verdade, um latim popular que existiu em todas as épocas da língua latina. Este latim pertencia a uma população que era muito pouco ou nada escolarizada e que, portanto, não poderia ter sido influenciada pelos modelos literários e pela escola (cf. Herman, 1967: 16). O latim vulgar não sucede ao clássico; teve origem nos meios plebeus de Roma e cercanias, sendo essencialmen-

⁵ *Institutio Oratoriae* (1,6,26) e (9,3,10), *apud* Marouzeau, *Quelques aspects de la formation du latin littéraire*, p. 9.

te, como afirma Maurer Jr. (1959:5), “o latim falado pela plebe romana, embora muito de seus característicos se infiltrassem no seio da classe média e até das classes mais altas, sobretudo na época imperial⁶.” Uma vez que se trata de uma variedade de formas, que se ligam ao latim falado (mas não exclusivamente), não se pode considerar que existam realmente textos em latim vulgar. Quase nenhum texto, que contenha vulgarismos, é intencionalmente vulgar, à exceção da *Cena Trimalchionis*, de Petrónio, e dos comediógrafos, principalmente Plauto, que colocam personagens do povo falando. O mero fato de ser escrito envolve o uso de certas convenções, e mesmo no caso de escritores simples, sem muita pretensão literária, há pelo menos a convenção ortográfica que eles tentam seguir.

Meillet (*Esquisse*, p. 239) fala sobre o latim vulgar como um conjunto de tendências que se manifestavam diferentemente conforme o maior ou menor grau de educação dos que o falavam, e segundo o tempo e os lugares onde era falado. Porém, é surpreendente que apesar da variabilidade cronológica, social e geográfica, o latim vulgar possuía uma homogeneidade suficientemente extensa para que fosse entendido em seu vasto território. Havia uma unidade no latim vulgar, que fazia dele uma espécie de *koiné* latina⁷. Quintiliano (*Inst. Orat.* 1, 5, 29) observou que a norma latina era relativamente simples, porque em latim não havia dialetos, o que não acontecia com o grego (*Apud Väänänen*: 1981, 20). Sintetizando essa posição, que é unânime entre latinistas e romanistas, tomem-se as palavras de Meillet (1948: 229):

Le caractère dominant de tout ce qui est romain est l'unité – une souple unité qui sait échapper à un schématisme rigide. (...) Comme le reste, la langue devait être uniforme, au moins en principe. Et en effet toutes les langues romanes reposent sur un 'latin vulgaire', dont, en gros, la structure est partout la même.

⁶ Dado que os períodos da história de Roma são importantes para os romanistas, lembramos que eles correspondem às três formas de governo: *Realeza* (das origens a 509 a.C.), *República* (de 509 a.C. a 27 a.C.) e *Império* (de 27 a.C. a 476 d.C.).

⁷ Apesar disso, uma vez que o latim vulgar é um conjunto de tendências, é imprudente falar em “gramática do latim vulgar”. É sobretudo pela gramática comparada das línguas românicas que se pode reconhecer as particularidades do latim vulgar, principalmente pelo que nos revelam o sardo e o romeno de um lado, e as outras línguas românicas de outro.

O latim vulgar tinha, desde a época de Plauto, e ainda mais, a partir de Cícero, peculiaridades gerais suficientes para dar-lhe um aspecto mais ou menos definido em oposição ao *sermo urbanus* e ao *sermo litterarius*. Segundo Maurer Jr. (1962), essas diferenças vinham de três fatores principais. O primeiro fator era por que o latim vulgar representava a língua do povo comum, da plebe romana, enquanto o latim clássico era um produto da sociedade aristocrática. A enorme oposição social entre essas duas classes se refletia na língua e que era capaz de explicar as diferenças no vocabulário e na sintaxe. O segundo é que o latim clássico, apesar de ter-se originado em um latim vivo e falado, é, em geral, mais conservador e arcaizante do que o latim vulgar. O terceiro fator deve-se ao fato de o latim vulgar ser fruto de uma população heterogênea, que empregava mal a língua latina, corrompendo-a. Sem esquecer que a criação da literatura é obra de estrangeiros, basta citar Lívio Andronico, Ênio, Plauto, Terêncio. O próprio Cícero (*Apud* Maurer Jr., 1962: 65, 96) afirma que o falar da cidade, em seu tempo, era diferente do século anterior, no qual ainda se ouvia o bom latim, embora já assinale a existência de uma linguagem corrompida em muitas famílias do século II a.C. Ele atribui a deturpação do latim à invasão de estrangeiros que falavam mal a língua (*Brutus*, 210, 213, 258).

Para tornar a comparação entre o latim vulgar e o latim culto - *sermo urbanus* - ou até mesmo o literário - mais próxima à nossa realidade, podemos pensar no português falado pelas populações de um âmbito social limitado do ponto de vista de escolarização, que apresenta, ao lado de uma simplificação na gramática, restos de uma linguagem arcaica, já abandonados na língua culta. A mesma impressão que temos ao ouvir um português cheio de “erros” em comparação com a norma culta, teria um romano escolarizado ouvindo o latim vulgar, acostumado a uma língua ricamente flexionada e elegante.

Diferenças entre o *sermo plebeius* e o *sermo urbanus* estão presentes na pronúncia, no vocabulário, na sintaxe, e na morfologia. A distância que separava o latim vulgar do latim culto era a princípio pequena, mas já podia ser vista a partir do séc. IV a.C. O vocabulário era, em boa parte o mesmo, sobretudo o que servia para o uso da vida cotidiana: coisas, animais, plantas, etc. O latim vulgar nunca se isolou completamente da língua literária, pois sempre houve um

convívio constante entre todas as classes, através do teatro, às vezes pela escola e, mais tarde, pela Igreja. Portanto, existiu sempre uma contribuição limitada, porém contínua, da língua clássica para a popular. Vestígios fonéticos, morfológicos, sintáticos e ainda de um vocabulário semelhante à língua clássica também ocorrem nas línguas românicas. Trata-se de sobrevivências de uma época em que o latim vulgar ainda conhecia essas formas, perdidas depois na maior parte do território. Por exemplo, o sardo conserva melhor as vogais do latim clássico.

Finalmente, cabe citar o seguinte trecho de Maurer Jr., *O problema do latim vulgar*, p.69, onde a questão da diferença entre as duas formas de língua latina falada está tão bem colocada:

É perfeitamente razoável dizer (...) que a língua falada latina apresenta matizes diversos e uma gradação contínua desde a linguagem inculta dos plebeus proletários dos bairros pobres de Roma até o falar elegante das pessoas mais cultas da alta sociedade. Enquanto, porém, nessa forma elegante a língua falada divergia *relativamente* pouco da língua dos textos literários – pelo menos na época de Cícero –, nas camadas inferiores da sociedade romana e, mais tarde, na população latinizada do Império, esse latim apresentava outro aspecto: admitia inovações revolucionárias (...).

A partir desta exposição, torna-se evidente que entre os séculos I a.C. e I d.C. conviviam três variedades do latim: o *sermo classicus* ou *literarius*, o *sermo urbanus* e o *sermo plebeius*.

Para concluir, vale a pena citarmos as principais características das variedades “clássica” e “vulgar” do latim.

Do ponto de vista gramatical, o latim clássico é:

I - uma língua sintética, isto é, possui terminações próprias (desinências), que, no fim da palavra, indicam a função sintática. Essas palavras que possuem flexão são os nomes (substantivos, adjetivos e pronomes) e os verbos. Em latim, a frase *Intelligenti pauca* (Spalding, [s./d.]) traduz-se em português por ‘Ao que sabe compreender, pouca coisa basta’. Este é um bom exemplo do que significa ser uma língua sintética, por oposição a uma língua analítica como o português.

Outra característica que se soma ao caráter sintético da língua latina é a **concisão**. Diz-se que a língua latina é concisa porque ex-

prime somente as palavras essenciais. Inclui-se no caráter conciso da língua latina o fato de não haver artigos (definido e indefinido) e de poder omitir palavras em contextos sintáticos que línguas como o português e o francês não permitem. Berger (1939: 238) afirma: “*Si la langue latine aime l’abondance et l’ampleur, elle ne recherche pas moins la concision et la sobriété. Dans bien des cas on peut omettre en latin des pronoms, des adverbes, et d’autres parties du discours qui sont nécessaires en français.*” Em Berger, há um capítulo inteiro sobre a “concisão da língua latina” onde entram fenômenos sintáticos e estilísticos, incluindo as tradicionais “figuras de linguagem.”

II - uma língua de ordem livre, em decorrência do sistema de casos morfológicos que permitem recuperar as funções semânticas e gramaticais dos substantivos (nomes). Estas são as características gerais básicas do latim, ou seja, a ordem livre dos elementos na frase, e a riqueza morfológica dos nomes e dos verbos que configuram o caráter sintético da língua.

A maior parte das gramáticas latinas dedica-se à morfologia, apresentando as declinações dos nomes e a conjugação dos verbos (o sistema de concordância nominal e verbal), como sendo a própria gramática latina. Quanto à sintaxe, pouco se encontra nessas gramáticas, mas destacam-se as seguintes peculiaridades (sintáticas) da língua latina: o acusativo com infinitivo, as diversas funções do ablativo, inclusive a oração subordinada em ablativo, o chamado "ablativo absoluto" e o emprego das formas nominais do verbo.

Do ponto de vista gramatical, resumidamente, pode-se dizer que o latim vulgar:

É analítico na construção da sentença, pois, devido à progressiva perda dos casos, começa a exprimir as funções gramaticais por meio de preposições (complementos indiretos e circunstâncias) e pela ordem das palavras (sujeito e objeto).

A frase popular faz um uso mais extensivo dos pronomes pessoais (1ª e 2ª pessoas), possessivos, demonstrativos, e inova com os artigos definido e indefinido, e com o pronome pessoal de 3ª pessoa.

A disposição das palavras se “simplifica” e se fixa, em oposição ao latim literário no qual a ordem obedece em larga escala às

preocupações de estilo. Nas palavras de Maurer Jr. (1959: 193): "a grande liberdade de colocação no uso clássico devia constituir a parte da língua em que a preocupação estilística e o exemplo dos modelos gregos mais profundamente modificaram a sua evolução espontânea."

A língua "vulgar", como um todo, apresenta as seguintes características inovadoras que se distanciam dos textos literários clássicos:

(i) a substituição do *accusativum cum infinitivo* por construções formadas por conjunções e pronomes relativos;

(ii) a inflação no uso dos pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas;

(iii) a inflação no uso dos diminutivos;

(iv) o emprego dos demonstrativos *ille* e *ipse*, às vezes com o sentido próximo ao de artigo definido das línguas românicas;

(v) a confusão no emprego dos casos;

(vi) o aumento de frequência das preposições;

(vii) a confusão nas declinações;

(viii) as mudanças de gênero;

(ix) o emprego da ordem da frase (Suj./Verbo/Compl.).

(x) o uso de expressões tipicamente coloquiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que este artigo tenha contribuído para divulgar e esclarecer as diversas variedades da língua latina, que acreditamos ser uma necessidade face ao abandono ou, com otimismo, ao quase abandono dos estudos clássicos e filológicos nos dias de hoje. A partir da comparação de fatos lingüísticos em um nosso trabalho anterior (Martins, 2004) mostramos que existiam duas variedades de língua falada: uma exuberante e rica gramaticalmente, muito semelhante ao latim clássico, mas que não apresenta a estilização deste, e outra pobre em recursos gramaticais, mas rica em concretude e em expressividade, que dará origem às línguas românicas.

A respeito da variedade que se chama *sermo urbanus*, lamentamos que esta seja sempre esquecida e completamente dissociada do latim literário, já que o que se vê, mais comumente, é o ensino do latim clássico como uma língua artificial, oposta à falada na variedade plebéia, porém, sem nenhum vínculo com a língua culta falada. Assim, cremos que este artigo contribuiu também para deixar mais evidente que o latim clássico não foi uma criação de gramáticos e letrados, e nem uma imitação do grego, como tantas vezes se vê afirmando, mas uma língua literária que teve como modelo uma língua culta falada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

BOURCIEZ, Édouard. *Éléments de linguistique romane*. Paris: Klincksieck, 1967.

ERNOUT, A. *Recueil de textes latins archaïques*. Paris: Klincksieck, 1916.

ERNOUT-THOMAS. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1953.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

HERMAN, József. *Le latin vulgaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

MAROUZEAU, Jules. *Traité de stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1946.

———. *Quelques aspects de la formation du latin littéraire*. Paris: Klincksieck, 1949.

MARTINS, Maria Cristina. “Um confronto entre o latim das cartas de Cícero e das do “soldado tiberiano” e de “Rustius Barbarus”: aspectos lingüísticos, filológicos e gramaticais”. Pesquisa de pós-graduação, FFLCH/USP, orientador: prof. Bruno Bassetto, 2004.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *A unidade da România ocidental*. USP/FFLCH, 1951.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- . *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- . *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.
- . *Linguística histórica. Alfa*, nº 11, Faculdade de Filosofia de Marília: Departamento de Letras, 1967.
- MEILLET, Antoine. *Les dialectes indo-européens*. Paris: Klincksieck, 1908.
- . *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1933.
- MEILLET, A. & VENDRYES, J. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. Paris: Ancienne Edouard Champion, 1928.
- NEIDERMANN, Max. *Précis de phonétique historique du latin*. Paris: Klincksieck, 1959.
- RIEMANN, O. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1927.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Guia prático de tradução latina*. São Paulo: Cultrix, [s./d.].
- VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introduction au latin vulgaire*. Paris: Klincksieck, 1981.